



SP INVISÍVEL: A EXPERIÊNCIA DA FANPAGE NO FACEBOOK COMO CONSTRUÇÃO DE UMA OBRA NARRATIVA DIGITAL

Daniele Prates Pereira⁶

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Ariana Regina Storer Brunieri⁷

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

80

Resumo: A estética continua a ser um elemento importante para a Arte e a Literatura, e se caracteriza pela busca da construção estética de experiência para os sujeitos inseridos no universo ficcional ou narrativo. O objetivo da discussão que propomos traça um debate sobre as produções literárias, coletâneas, e relatos apresentados em um modelo que não é mais o livro, mas tem como *locus* o ciberespaço e as redes sociais. Observamos a página SP Invisível, que se retrata como um movimento que divulga histórias dos invisíveis (moradores de rua) que possam contrastar com modos de vida de pessoas distantes dessa experiência. As histórias são também contadas no *website* SP Invisível, e o grupo acabou produzindo, a partir delas, um livro. Contudo, a experiência literária foi iniciada a partir de uma estética peculiar, das postagens neste ambiente de interações cibernéticas. Discutimos então a estética, a narrativa, o gênero digital e, na sequência, apresentamos esta forma de construção de obra literária e de coesão do conteúdo partindo da experiência narrativa da *fanpage* SP Invisível no *Facebook*.

Palavras-chave: Estética; narrativa; SP Invisível; ciberespaço.

Abstract: Aesthetics remains an important element for art and literature and it is characterized by the search for the aesthetic construction of experience for the subjects inserted in the fictional or narrative universe. The aim of the discussion is to trace a debate about the literary productions, collections, and reports presented in a model that is no longer the book, but has as locus the cyberspace and the social networks. We then see the page *SP Invisível*, which is portrayed as a movement that discloses stories of the invisible (homeless people) that can contrast with ways of life of people distant from this experience. The stories are also told on the *SP Invisível* website, and the group eventually produced a book from those stories. However, the literary experience was started from a peculiar aesthetic, which are the postings in this cybernetic interaction environment. We will then discuss the aesthetics, the narrative, the digital genre and, in the sequence, we will present this form of construction of literary work and the construction of cohesion of the content starting

6 Programa Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Unioeste/PR campus Foz do Iguaçu, dany_ppereira@hotmail.com

7 Programa Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Unioeste/PR campus Foz do Iguaçu, arianastorer@hotmail.com



from the narrative experience of the fanpage *SP Invisível* on Facebook.
Key words: Aesthetics; narrative; *SP Invisível*; cyberspace.

Introdução

81

Inserido nas discussões mais amplas acerca da Estética e da narrativa, bem como da interrelação entre elas, este artigo apresenta uma análise que busca ampliar essas discussões a partir do olhar para a *fanpage* SP Invisível, na rede social *Facebook*, aqui entendida como experiência estética literária. Sob este aspecto, o termo *experiência estética* demanda a contemplação holística do objeto artístico, a visão do todo. Na unicidade do ato da contemplação começa-se a estabelecer sentido, enxerga-se a beleza ou não, e no ato de olhar constrói-se o objeto, como sugeriu Suassuna, 2008, problematizando autores pós-kantianos.

No mesmo sentido, para Bakhtin (2003, p.182), embora o objeto de contemplação possa ser constituído por discursos e sentidos, o olhar é subjetivo, e o sujeito receptor da mensagem pode deslocar os sentidos do próprio objeto de contemplação – por isso é possível se compreender dois momentos de contemplação, a construção estética e a experiência estética. A arte então é tudo aquilo que pode proporcionar uma experiência estética e sensível. É a atividade de artistas partindo de percepção, emoções e ideias, com o objetivo de “estimular esse interesse de consciência” [...] (SIGNIFICADOS, 2017, *online*).

A experiência estética está presente na sociedade (Huismann,1981) e pode colocar em ênfase ou questionar nossos modelos e visões de mundo:

[...] a arte não se contenta em estar presente, pois ela significa também uma maneira de representar o mundo, de figurar um universo simbólico ligado à nossa sensibilidade, à nossa intuição, ao nosso imaginário, aos nossos fantasmas. É este seu lado abstrato. Em suma, a arte ancora-se na realidade sem ser plenamente real, desfraldando um mundo ilusório no qual, freqüentemente - mas não sempre - julgamos que seria melhor viver do que viver na vida cotidiana. (JIMENEZ, 1999, p 10)

Para além de categorizar a arte ou limitá-la a um conceito, pensamos na



experiência estética como uma produção que pode proporcionar aos sujeitos que com ele interagem. A narrativa do *SP Invisível*, como na narrativa literária, faz parte de quem escreve, mas é lida e apropriada pelo leitor a seu modo, permeada por percepções únicas. Para Bakhtin “O homem entra no diálogo como voz integral. Participa dele não só com seus pensamentos, mas também com seu destino, com toda a sua individualidade”. (BAKHTIN, 2003, p. 349), e nesta participação vai construindo ou renovando suas próprias narrativas enquanto ser social.

82

Especificidades do gênero digital como narrativa

Como analisou Bakhtin, 2003, os gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atividade.

O gênero estabelece uma interconexão da linguagem com a vida social. A linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida se introduz na linguagem. Os gêneros estão sempre vinculados a um domínio da atividade humana e refletem suas condições específicas e finalidades. Conteúdo temático, estilo e organização composicional constroem o todo que constitui o enunciado, que é marcado pela especificidade de uma esfera de ação.

Para o autor, as discussões de gênero literário foram se expandindo e, com as contribuições de Bakhtin, com a Linguística moderna, as mais variadas formas de produção textual foram sendo recepcionadas como Literatura. Espescht assim se refere às teorizações de Bakhtin:

Vê-se o enunciado como uma unidade real de comunicação discursiva, que apresenta variações de acordo com o uso da linguagem em seu contexto situacional comunicativo. Tais enunciados devem refletir as condições específicas e as finalidades de cada referido campo situacional não somente pelo seu conteúdo temático ou pelo seu estilo de linguagem, mas



também pela seleção de palavras, frases e recursos gramaticais da língua, de forma que a mensagem seja transmitida e compreendida. Os gêneros para a teoria de Bakhtin são tipos relativamente estáveis de enunciados, marcados sócio-historicamente, que se relacionam diretamente com a sua situação social. (ESPESCHIT, 2007, *online*).

83

Contudo, independentemente da classificação dos gêneros literários, preocupamo-nos aqui com o estudo dos enunciados narrativos, mais especificamente com narrações presentes no ciberespaço, na *internet*, nas redes sociais, estilo que muitos autores têm chamado de gênero digital. Trata-se da emergência de formas alternativas de comunicação e interação mediadas pela tecnologia - como é o caso de *blogs*, *chats*, *websites*, *podcats*, e redes como o *facebook*, *wikispaces*, entre outros.

A *internet* configura-se um espaço aberto para troca de experiências, construção de conhecimentos, discussões compartilhadas, novas perspectivas de aprendizagem, ou seja - um ambiente virtual de socialização que proporciona, por meio de gêneros do discurso, oportunidades de aprimorar conhecimentos, contatar informações e contribuir com diversos grupos e pessoas. “Com isso, os usuários se socializam por meio dos mais variados gêneros digitais em seu cotidiano, o que favorece suas interações com múltiplas formas de linguagem, a linguística ou a verbal, a imagética, a sonora, ou seja, meios semióticos diversos”. (Bull e Anstey, 2010, p.89).

O livro e a *fanpage* são veículos de gêneros de discurso literários distintos, mas podem tratar de enredos similares, como é o caso do SP Invisível, que expõe histórias de pessoas invisíveis, de pessoas que foram fotografadas, suas vidas contadas e hoje ganham visibilidade em redes virtuais e obras literárias. Se a experiência literária do contato com a obra é familiar, como essa forma de produção é construída na plataforma digital, mesmo possuindo conteúdos similares ao do livro?

A *fanpage* SP Invisível



A SP Invisível é uma *fanpage* construída dentro da plataforma *online* conhecida como *Facebook*, rede social em que os usuários conectam-se por meio de seus perfis a amigos, conhecidos, parentes ou, às referidas *fanpages*. A palavra *fanpage* refere-se à página de fãs, ou de sujeitos que curtem determinado conteúdo ou instituição que representam. Existem várias delas, desde revistas e jornais, como celebridades e políticos.

A rede social *Facebook* possibilita a interação entre os sujeitos. Na realidade atual, as formas de interação foram catalisadas pelo acesso dos sujeitos aos instrumentos tecnológicos de mediação da comunicação. O uso da *internet* proporcionou uma organização social em rede.. Dentro dela, interessa então a *fanpage* SP Invisível. A página assim se descreve: “O SP invisível é um movimento que visa abrir os olhos e a mente através das histórias dos invisíveis para motivar as pessoas a terem um olhar mais humano”. Em entrevista a Viana (2016, *online*), Vinícius Lima, um dos fundadores do SP Invisível, explicou que inicialmente ele e alguns amigos tiravam fotos da cidade de São Paulo e postavam na rede *Instagram*, utilizada para divulgação de imagens. Começaram a perceber que na referida rede todo mundo postava fotos de bichinhos de estimação, imagens de festa, viagens e que aquilo não seria o reflexo da vida real. Passaram a postar então fotografias da cidade, com acidentes, lixo, para desestabilizar, de acordo com Vinícius, a rotina dos seguidores da rede com suas fotos “fofas”. Nestas imagens notaram que frequentemente apareciam moradores de rua, e que estes também se tornavam muitas vezes invisíveis às pessoas. Pensaram então em descobrir e contar a história destes homens e mulheres.

As histórias são contadas em primeira pessoa, pelas mãos de Vinicius Lima e André Soler em perfis nas redes sociais como Facebook, Instagram, Twitter e Youtube. Os colegas criaram também um *website* do coletivo SP Invisível. O *website* divulga o projeto como um convite a olhar São Paulo de forma humana e conhecer histórias de pessoas que fazem parte desta cidade, entre trabalhadores comuns, artistas e moradores de rua. No *website* Ideia Fixa (*online*), Vinicius



esclarece que muitas pessoas se tornam invisíveis aos olhos dos outros na realidade atual, porém, o que o *site* e as postagens nas redes buscam é mostrar que invisíveis mesmo são as histórias. “Ninguém para pra pensar que por trás de cada um tem uma história”. A maioria dos entrevistados é vista e conhecida no momento da entrevista. Alguns contam a história e não querem fotos, outros nem isso. Em comentários em algumas imagens no *Facebook* foi explicitado que os moradores de rua são bastante sazonais e que nem sempre um morador fotografado, filmado, e contou sua história foi encontrado novamente para receber qualquer retorno da página, e que este também não é seu objetivo: o foco é dar visibilidade ao que não é visível aos olhos do cotidiano. Assim surgiu a *fanpage* SP Invisível, a partir de março de 2014:

85



Imagem 01: Fotografia inicial. Fonte: SP Invisível, 2014.

A imagem inicial da *fanpage* tem como legenda “Você vai saber quem eu sou de verdade”. A frase tem sentido duplo, fazendo referência ao sujeito que aparece na imagem, que posteriormente vai contar sua história; bem como à cidade de São Paulo, desconhecida a partir destas diferentes experiências. As histórias que foram inicialmente postadas na *internet* se transformaram em livro, embora o objetivo do coletivo seja manter as divulgações das histórias na rede.



Vinícius e André são coautores do livro “A Cidade que Ninguém Vê”, que conta cem histórias escolhidas entre as que foram ouvidas, documentadas ou postadas na *fanpage* do *Facebook*. O livro também contou com o suporte dos seguidores da página nas redes sociais e de seus contatos, que divulgaram e apoiaram o projeto por meio do financiamento coletivo, que, segundo o *website* Jovem Pan (2017), uniu 874 pessoas e totalizou cerca de 99 mil reais para a publicação. Os autores informam no *website* que o livro é mais uma forma de divulgar as histórias invisíveis, e que os valores arrecadados auxiliam o coletivo SP Invisível a continuar com a realização da proposta de tornar visível as histórias de alguns dos moradores de rua de São Paulo. A *fanpage* conta com 377.486 (trezentos e setenta e sete mil e quatrocentos e oitenta e seis) seguidores em 25 de setembro de 2017, postou 39 (trinta e nove) vídeos entre entrevistas, agradecimentos e campanhas; e publicou 789 (setecentos e oitenta e nove) fotos com histórias de vida de moradores de rua ou de campanhas realizadas pelo coletivo.

86

Narrativas autobiográficas: dando voz aos moradores de rua

Para Soares (2017, *online*) a vida social dificilmente aparece em narrativas históricas, porque é feita de miudezas, de pequenos fazeres e acontecimentos, de banalidades, repetições e experiências. Falar sobre estas miudezas, como coloca a autora, é o que coloca o mundo, a vida, a realidade mais próxima de nós, e nos faz reconhecer nossa humanidade.

Narrativas pessoais não estão "prontas"; são trabalhos minuciosos de composição: é preciso escolher o ângulo, as palavras, os melhores enredos, o ritmo mais adequado pra que de fato ela seja capaz de se conectar com o outro. Se a arte pressupõe que exista um trabalho de transformação, humanizador e crítico, não consigo encontrar uma justificativa que me diga que essas narrativas não possam ser chamadas como tal. [como literatura] Porém, amo mais ainda dizer que não faz diferença que isso seja ou não chamado de arte ou literatura, pois o que importa é o quanto entrar em contato com esse tipo de história pode ser



transformador. (SOARES, 2017, *online*).

As narrativas pessoais, ou autobiografias, podem transformar tanto o sujeito que conta algo sobre si, como quem ouve, ou quem lê. A biografia é um gênero discursivo por meio do qual o autor conta a história sobre a vida de uma ou mais de uma pessoa. No caso do SP Invisível, temos uma mistura entre biografia e autobiografia, pois o coletivo SP Invisível se manifesta no texto escrito na *fanpage* pelas ideias e pelo texto de Vinicius e André, mas partem das conversas face a face com os moradores de rua, protagonistas dos relatos de vida presentes naquela. Sobre o tema assim coloca Alberti:

87

O pacto autobiográfico se dá, então, quando a identidade entre autor, narrador e personagem é assumida e tornada explícita pelo autor, [...]. Entretanto, se o pacto autobiográfico confere à identidade entre autor, narrador e personagem um caráter manifesto, isso não significa, ainda [...], que, no nível do discurso, não haja diferenças entre as três figuras. Dentro do texto, narrador e personagem remetem, respectivamente, ao sujeito da enunciação e ao sujeito do enunciado: o narrador narra a história e o personagem é o sujeito sobre o qual se fala. Ambos, porém, remetem ao autor, que passa então a ser o referente, fora do texto. (ALBERTI, 1991, p. 76).

Para Alberti (1991), o autor está fora do texto, enquanto personagem e narrador são os sujeitos da enunciação e do enunciado. Assim, há diferenças entre estas figuras no âmbito discursivo. Alberti (*idem*) ainda aponta que o autor da autobiografia escreverá sobre sua vida aquilo que lhe é permitido, seja em função de sua memória, de sua posição social, ou mesmo de sua possibilidade de conhecimento. Em relação ao SP Invisível, embora tal tarefa seja mediada por Vinicius e André, ainda se busca resguardar o sentido do autor original, o proprietário das experiências e das memórias, motivo pelo qual a narrativa é apresentada sempre em primeira pessoa.

Para Carvalho (2003) o relato de vida é um processo de comunicação no qual o informante conta sua história e o pesquisador, no caso os organizadores do coletivo SP Invisível, se torna um interlocutor neste processo, integrando o circuito



dialógico da escrita e divulgação das histórias por meio da *fanpage*. Pelas descrições da *fanpage*, do *website*, e das entrevistas que os organizadores do coletivo SP Invisível concedem a veículos midiáticos, parece que a tarefa daqueles é mais um processo de editoria do que de autoria, e assim, mesmo que a escrita e postagem seja realizada por eles, é perceptível pelos comentários dos leitores que há uma identidade entre personagem, narrador e autor (os comentários são direcionados aos donos da história, aos moradores de rua).

88

"Eu adorei esse presente, vai me ajudar muito, só o absorvente que eu não uso, mas pode deixar que eu vou dar para as meninas que passarem aqui. Mas a blusa é linda e o resto, vou usar tudo! Meu nome é Débora Soares Santos, nasci no Piauí. Tenho 34 anos e estou há dez na rua. Vim parar aqui por causa do álcool e das drogas. Foi aos poucos, eu fazia programas em Santo André e lá conheci todo tipo de droga. Experimentei muita coisa e não gostei, mas quando fumei uma pedra, eu me apaixonei. Passei a fumar uma vez por mês e depois todos os dias. Eu tento parar de fumar mas não consigo, já me internei 12 vezes em psiquiatria, mas quando eu bebia, eu começava a quebrar tudo e ficava ameaçando o psiquiatra, então me proibiram de entrar lá. Eu durmo aqui do lado da igreja e almoço no chá do padre, sou bem vaidosa, gosto de andar bem vestida e bem limpinha, tomo banho todo o dia, só não tomo quando eu bebo. A maior dificuldade pra mim é só a chuva mesmo. Tô solteira agora, o menino que eu ficava foi preso. Não existe amizade verdadeira na rua, o que eu mais tive foram amizades falsas, então eu gosto mais de ficar só. Meu sonho é morar com a minha família, faz um tempo que eu perdi o contato. Eles me aceitam, minha mãe até queria que eu morasse com ela, mas eu e meu pai não nos damos bem, é que quando eu vou lá, não tenho como trabalhar, só ajudo em casa e ele não gosta disso." [#SPinvisível](#) [#SPSemFrio](#)[#ACidadeQueNinguemVe](#)

O relato acima mostra como a *fanpage* é construída. São muitas histórias de vida reunidas em um espaço digital de interação com o público leitor. De acordo com Carvalho (2003, p. 298), a condição narrativa está tanto na literariedade como no percurso do sujeito que narra a si mesmo – o relato biográfico é tomado como ato narrativo que proporciona ao sujeito uma oportunidade de se apresentar, reposicionar-se. Embora as histórias não contemplem a vida toda de cada um dos personagens, são suficientes para retratar dentro do processo de memória elementos importantes de cada caminho de vida percorrido:



[...] a realidade vai ser compreendida não como um tabuleiro de xadrez que tem todos os quadrados iguais, mas muito mais como uma colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos. [...]. Nesse sentido, usa-se o termo composição para designar os processos de tessitura das lembranças, permitindo compreender que só é possível organizar a memória utilizando as linguagens e os sentidos que foram formando em cada um de nós, dentro da cultura vivida, em cada trajetória pessoal e profissional, o tecido memorialista. (ALVES, 2007, p. 70)

89

Alves (2007) constrói um debate teórico para discutir a memória como processo chave na construção das autobiografias (compreendidas neste estudo como relatos de vida), e a partir destes estudos, aponta um sentido psicológico nas memórias narradas, como necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver – quando contamos algo sobre nós mesmos, narramos o que pensamos que éramos no passado, nossa percepção sobre nós no presente e nossa projeção de nós mesmos para o futuro. Da mesma forma os sujeitos que contam suas vivências para o coletivo SP Invisível retratam a si mesmo sob o olhar da sua aceitação sobre o que se foi e o que se é. Muitos contam as dificuldades e razões pelas quais acabaram morando nas ruas, outros defendem as razões pelas quais não tentam retornar para o convívio com suas famílias, outros relatam as complicações do dia a dia nas ruas.

Os enunciados e as imagens como experiências estéticas

A obra abrigada na *fanpage* SP Invisível é construída a partir de vários elementos estéticos, capazes de proporcionar uma experiência estética literária, bem como uma experiência sensível no leitor, no processo de recepção da leitura. O elemento basilar desta construção estética é – a imagem. Contudo, como mesmo afirma Vinícius, não é apenas o sujeito que mora na rua que não é visto – a visibilidade está em enxergar nestes sujeitos uma pessoa, dona de uma vivência, de uma história, situações que possibilitam a sensibilização para com o outro, ligando sua experiência às nossas. Assim, o papel da imagem neste processo de



construção do enunciado é importante, pois a forma do enquadramento pode dar sentido valoroso a estes sujeitos que passam despercebidos pela cidade. Santaella e Nöth ressaltam a construção de sentidos da imagem unida ao texto:

90

A relação da imagem e seu contexto verbal é íntima e variada. A imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto pode esclarecer a imagem na forma de um comentário. Em ambos os casos, a imagem parece não ser suficiente sem o texto, fato que levou alguns semioticistas logocêntricos a questionarem a autonomia semiótica da imagem. A concepção defendida de que a mensagem imagética depende do comentário textual tem sua fundamentação na abertura semiótica peculiar à mensagem visual. A abertura interpretativa da imagem é modificada, especificada, mas também generalizada pelas mensagens do contexto imagético. O contexto mais importante da imagem é a linguagem verbal. Porém, outras imagens e mídias, como por exemplo a música, são também contextos que podem modificar a mensagem da imagem. (SANTAELLA e NÖTH, 2008, p. 53).

Assim, embora a imagem possa por si produzir sentidos, estes podem ser variáveis de acordo com a recepção pelo leitor; todavia, quando envolta em um contexto, seja ele verbal ou composto por outros elementos midiáticos, o sentido pode ser preenchido e a abertura interpretativa da imagem pode, desta forma, ser especificada. O que se pode perceber na *fanpage* é que algumas imagens são postadas sem relatos, nos casos em que os sujeitos se negaram a contar sua história. De qualquer forma, a imagem está dentro de uma grande obra, as autobiografias do SP Invisível, e mesmo sem o texto escrito, continua sendo um enunciado de torna visível alguém que não é notado por nós.

Por outro lado, na maioria dos casos, a imagem é acompanhada de uma história, de um trecho autobiográfico, de um retrato sobre si mesmo:



Imagem 02: João Carlos dos Santos. Fonte: SP INVISÍVEL, 2017, *online*.

“Já vai dar 36 anos dessa busca e a saudade é muita. Meu nome é João Carlos dos Santos e meu filho nasceu em 17 de agosto de 1979. Faltando três dias pra ele completar 10 meses, tiraram ele de mim. Nós estávamos dormindo na marquise da Eletropaulo, em Santos, e o bebê ficava no meio da gente. Ele já engatinhava, era um garoto esperto. Mas na madrugada de sábado pra domingo levaram ele. Desde então, eu e a mulher procuramos por todos os lados. Andamos esse Brasil todo, mas nunca ninguém viu. Se eu pudesse dar um recado pra ele, mesmo ele já sendo adulto, queria dizer que eu ainda quero ver ele. É um caso quase impossível no meio de milhares de pessoas. Mas eu ainda fico olhando, procurando pra ver se encontro ele, porque tenho certeza que vou reconhecer. Ele é muito parecido com meu pai. Depois disso vieram os outros bebês, mas a luta, a lembrança, não sai da cabeça. Você vê a situação da vida da gente, se somar tudo que eu e a mulher já passamos dá muita coisa. Minha menina tá presa e outro menino, o Cristiano, tá nessa maldita droga. Foi por causa disso que eu saí de casa em Dois Córregos e voltei pra rua, pra ficar de olho no Cristiano. Mas Deus sabe que estamos na luta.” [#SPinvisivel](#) [#SP](#)

A imagem de João Carlos dos Santos busca mostrar os sentimentos do personagem ao falar sobre sua história. O enquadramento enfatiza o rosto, as marcas do envelhecimento, os olhos mareados, o olhar entristecido. A esta imagem se junta seu relato: a história de um homem que teve um filho tirado do convívio familiar por força da condição de vida nas ruas. A esperança que o move é a possibilidade de rever este filho, e de vê-lo bem, já que na sequência conta que os outros filhos que teve tempo depois se encontram, a menina presa, e o menino



pelas ruas viciado em drogas. É a história de um pai, que luta pelos filhos mesmo quando os vê na situação mais difícil, um pai que não desiste dos filhos – situação que pode tocar qualquer mãe ou pai e aproximar mundos.

Estas aproximações têm relação com as vivências dos personagens-autores-narradores, e com a recepção destes sentidos pelos leitores. Para Bakhtin (2003), o objeto estético condensa uma complexa rede de relações axiológicas envolvendo três constituintes imanentes: o autor, a personagem e o contemplador/receptor/espectador. O princípio básico da relação criadora é marcado por uma exotopia, um estar-do-lado-de-fora. O autor afirma que o receptor/espectador tem uma característica imanente: é uma função estético-formal que permite transpor, para o plano estético da obra de arte, manifestações do coro social de vozes. O usuário/contemplador é desterritorializado quando ocorre uma coincidência de identificação da imagem ou texto com o próprio usuário/contemplador - na perspectiva estética de Bakhtin, este é o movimento da exotopocidade.

Percebemos enfim que as imagens também constroem sentidos e são parte da obra enquanto elemento estético – são também recepcionadas pelos leitores que com elas interagem. Assim, os mediadores da obra representam um papel significativo neste processo de construção da imagem, e na produção de um enquadramento que possibilite uma leitura sensível e valorosa dos sujeitos que moram nas ruas da cidade de São Paulo.

Desfecho: a fanpage SP Invisível

Como já definimos, consideramos a experiência estética a “soma da percepção/apreensão inicial de uma criação literária e das muitas reações (emocionais, intelectuais ou outras) que esta suscita, em função das características específicas postas em jogo pelo autor na sua produção”. (CUNHA, s/a, *online*). Para proporcionar uma experiência estética são necessários elementos estéticos, que, no



caso da obra literária, perpassam pela forma do texto e seus enunciados, a escrita, a forma pela qual é apresentado o enredo, bem como sua leitura – estes fatores podem ser considerados as marcas do texto ou da obra. Foram analisados alguns elementos que são considerados marcas da obra SP Invisível, por meio da *fanpage*, que também possibilitam chamar o conteúdo ali disponibilizado como uma obra literária.

O enredo é o conteúdo que se mostra em torno do conflito da história. No caso no SP Invisível, temos como conflito a invisibilidade dos moradores de rua, de suas vivências, de suas histórias, e da sua invisibilidade como sujeitos, detentores apenas de sua vida nua – sem bens, desconhecidos pelos familiares, sem endereço, e muitas vezes até mesmo sem documentos. Esta invisibilidade vai se mostrando por meio das autobiografias que estes sujeitos contam, e pelas imagens deles, ressignificando-os como sonhadores, como batalhadores, como pessoas que mesmo distante se preocupam com quem deixaram, mesmo que seja para não lhes causar incômodo. Os narradores são os moradores de rua, embora haja um processo de editoração de suas falas e narrativas por parte dos organizadores do coletivo SP Invisível – André e Vinícius. A linguagem é próxima do cotidiano, alguns verbos são utilizados de forma suprimida, como “tô”, “tá”, entre outros. A linguagem é informal, coloquial.

As personagens variam em cada relato, e são as protagonistas de suas próprias histórias, sempre contando algo sobre si, ou sobre as dificuldades que os moradores de rua enfrentam na cidade de São Paulo. A maioria das personagens é fotografada, e sua imagem acompanha seu relato – elementos estéticos constitutivos da obra. O local das narrativas é a cidade de São Paulo e o tempo é o presente, e embora muitos falem de como no passado acabaram optando por viver nas ruas, esta fala vem do sujeito inserido na realidade paulistana atual. Porém, o tempo em que se passa a obra difere do tempo em que se lê. O tempo em que se lê a *fanpage* SP Invisível está ligado à sua característica estética primordial como obra - sua alocação no ciberespaço. Este fator transforma a experiência literária a partir do hipertexto, transformando a forma que se lê e o tempo em que se lê, bem



como as possibilidades de interação do leitor com a obra.

Para Levy (2017), o hipertexto não é a mera digitalização do texto, mas a transformação da recepção do texto pelo leitor, que interage com o texto. Assim coloca Silva:

No caso do hipertexto, o caminho da leitura é multilinear, não seqüencial e integrador de linguagens diversas (textos, imagens, sons), conseqüentemente, o leitor pode construir seu próprio percurso de leitura. A interatividade prevista no hipertexto permite que o leitor estabeleça conexões, tendendo para uma descentralização do texto, ou seja, não existe um texto central ou mais importante, não existe uma hierarquia no texto. [...] No hipertexto, o leitor tem independência para escolher qual roteiro previamente estabelecido deseja seguir, arriscando-se no texto, aceitando ou ignorando determinados caminhos de leitura. Neste sentido, o autor perde um pouco da autoridade sobre o texto, passando a compartilhar a responsabilidade narrativa com o leitor. (SILVA, 2007, p. 22-23).

Silva bem descreve o hipertexto SP Invisível e sua fruição pelos leitores – o leitor pode escolher clicando em fotos, e pela foto optar pela história que deseja conhecer. O leitor pode aguardar a próxima postagem ao seguir a página e, assim, a cada postagem será atualizado e poderá desfrutar da leitura de mais uma história de vida. O leitor pode ler uma história por dia até conhecer todas as histórias e posteriormente seguir os próximos capítulos. O leitor ainda poderá comentar em cada relato, e conversar com outros leitores trocando perspectivas acerca de suas compreensões, ou poderá postar mensagens para os organizadores da *fanpage*. Os leitores poderão também divulgar as histórias que mais lhes sensibilizam, compartilhando esta história em sua própria linha do tempo, dando acesso a seus amigos e conhecidos para o referido capítulo da obra SP Invisível.

Neste mesmo sentido, apontava Levy (2017, p. 24), o leitor estabelece uma relação intensa com a navegação, é o leitor que o alimenta. Silva (2007) colabora com este posicionamento: o leitor ativo, que foge da linearidade da informação, constrói uma mensagem nova a partir de sua fruição, recepção, assimilação. O texto, para a autora, passa a ter “inúmeros formatos e variadas significações [...]”. (SIVA, 2007, p. 25). A imagem 02 apresentada neste artigo retratou João Carlos dos Santos. Sua imagem, em conjunto com seu relato de vida, obteve 150



compartilhamentos, 1.700 (uma mil e setecentas) reações, e 40 (quarenta) comentários na página (não conseguimos aferir os comentários nos compartilhamentos). Percebe-se pelos movimentos realizados pelos leitores que a história se espalha para públicos que talvez não tivessem buscado a obra inicialmente, por meio dos compartilhamentos. Percebe-se que na história a melancolia toca os leitores, tanto na imagem como na narrativa, e o distanciamento e busca pelo filho que lhe fora tirado é um elemento de conexão entre personagem e leitor (o que pode ser percebido pelos comentários dos leitores na página).

Sobre as histórias contadas no ciberespaço de forma hipertextual, Leão (2004) expõe que uma das formas que mais tem se destacado são as criações de bancos de dados de histórias e projetos que criam arquivos de memória coletiva. Embora o objetivo do SP Invisível não seja a manutenção da memória, mas o resgate da humanidade, pode fazer sobressair alguns dos valores permeados pelos bancos de arquivos de memória:

Apesar de simples em suas concepções, esse projetos, à medida que resgatam a importância das narrativas do homem comum, acabam gerando uma revalorização do cotidiano. Ouvir histórias de vida de qualquer pessoa não só propicia o compartilhamento de lembranças e experiências mas principalmente, atua na criação e fortalecimento de elos. [...] (LEÃO, 2004, p. 173).

A autora consigna ainda que a partir das cibernarrativas, o indivíduo e o coletivo se encontram e se constituem, tornando este processo revelador dos sujeitos e de suas conexões entre os grupos. Ressalta ainda que o compartilhamento de experiências como histórias de vida podem estimular a generosidade e que as cibernarrativas se tornam exemplos criativos de práticas coletivas. (LEÃO, 2004, p. 178-179).

Como se observa, na *fanpage SP Invisível* há os mesmos elementos que constituem a obra literária: seu conteúdo (ideias transmitidas ao leitor), sua forma (elemento de expressão que veicula as ideias) e seu estilo (individualidade do autor em expressar suas ideias). é possível identificar a *fanpage SP Invisível* como um gênero literário. Pela análise da *fanpage SP Invisível*, percebe-se um cuidado



estético com a apresentação das narrativas, um diálogo com imagens dos personagens enquadradas de forma poética, e um conteúdo humanístico que dá visibilidade à comunidade das ruas de São Paulo. Sua forma hipertextual desregrada e o estilo narrativo autobiográfico editado ou mediado pelos organizadores da página proporcionam aos leitores uma nova forma de interação com os enunciados em relação ao livro, condizente com o tempo acelerado da realidade contemporânea e com a desterritorialização dos sujeitos. Estes elementos constituem uma estética algumas vezes bela, outras vezes chocante, e possibilitam dizer que seu conteúdo constitui uma obra literária.

96

IMAGENS:

Imagem 01: Fotografia inicial. Fonte: SP INVISÍVEL. *Fanpage*. IN: *Facebook*. Postado em 11 de março de 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/spinvisivel/photos/a.598272883590717.1073741828.598268693591136/598272886924050/?type=3&theater>>. Acesso em: setembro/2017.

Imagem 02: João Carlos dos Santos. Fonte: SP INVISÍVEL. *Fanpage* do Coletivo SP Invisível. Postagem de 10 de janeiro de 2017. Disponível em: <<https://www.facebook.com/spinvisivel/photos/a.598272883590717.1073741828.598268693591136/1207549505996382/?type=3&theater>>. Acesso em: setembro/2017.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa*. IN: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6809/414.pdf?sequencia=1&isAllowed=y>>. Acesso em: setembro/2017.

ALMEIDA, Leonardo Pinto de. *A experiência total da leitura literária*. IN: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, 2014. V. 66, n. 2. p. 143-158. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-



52672014000200011>. Acesso em: setembro/2017.

ALVES, Nilda. *Nós somos o que contamos*: a narrativa de si como prática de formação. IN: Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. **Histórias de vida e formação de professores**. Boletim 01. Março 2007. Disponível em:

<<http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/104711Historias2.pdf#page=68>>. Acesso em: setembro/2017.

ASSINI, Tania Cristina Kaminski Alves. **Contribuições da estética da recepção para leitura do texto dramático no ensino**. Disponível em: <<http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/extensao/1-EncontroGrupoPesquisaArteEducacaoFormacaoContinuada/09TaniaCristinaKaminskiAlvesAssini.pdf>>. Acesso em: setembro/2017.

BAKHTIN, Mikhail. *O Autor e a Personagem na Atividade estética*. IN: **Estética da criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BULL, G. e ANSTEY, M. **Evolving pedagogies, reading and writing in a multimodal world**. Austrália: Education Services Australia, 2010.

CÂNDIDO, Antônio. *A literatura e a formação do homem*. IN: **Remate de males**, Unicamp, 1999. P. 81- 90. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/3560>>. Acesso em: julho/2017.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. *Biografia, identidade e narrativa*: elementos para uma análise hermenêutica. IN: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 283-302, julho de 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n19/v9n19a11.pdf> >. Acesso em: setembro/2017.

CARVALHO, G. S. **As Histórias Digitais**: Narrativas no Século XXI. O Software Movie Maker como Recurso Procedimental para a Construção de Narrações. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Experiência estética literária. IN: **Glossário Ceale**, Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. S/A. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/experiencia-estetica-literaria>>. Acesso em: setembro/2017.

DIAS, Reinildes. e DELL'Isola, Regina Lúcia Péret. **Gêneros textuais**: teoria e prática de ensino em LE. Campinas, SP, Mercado de Letras, 2012.



IDEIA FIXA. *Website* de notícias e inspiração diárias. **Sobre o SP Invisível.** Disponível em: <<https://www.ideafixa.com/oldbutgold/sp-invisivel>>. Acesso em: setembro/2017.

ESPESCHIT, Gustavo. Conceito de gênero para Aristóteles e para Bakhtin. IN: **Rascunhos e narrativas.** Disponível em: <<http://rascunhosenarrativas.blogspot.com.br/2012/08/conceito-de-genero-para-aristoteles-e.html>>. Acesso em: setembro/2017.

98

HUISMAN, Denis. **A Estética.** Lisboa: Edições 70, 1981.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 1999.

LEÃO, Lucia. Cibernarrativas ou a arte de contar histórias no ciberespaço. IN: Leão, Lucia. **Derivas:** cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume, 2004. p. 163-180.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves do original “Qu’est-ce le virtuel?”. E-book digitalizado, acesso online gratuito. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/6a_aula/o_que_e_o_virtual_-_levy.pdf>. Acesso em agosto/2017.

MARCUSCHI, L.A. e XAVIER, A.C. (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais.** Lucerna: Rio de Janeiro, 2005.

MOURA, Adriano Carlos. **Autobiografia:** gênero literário ou forma de recepção? IN: Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli. v. 3, n. 2, p. 142-152, mai.-ago. 2014.

NOVAES, Sylvia Caiuby. Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico. IN: **Mana**, vol.14 no.2 Rio de Janeiro Oct. 2008; p. 455-475. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132008000200007&script=sci_arttext&tlng=ES>. Acesso em: agosto/2017.

SAMUEL, Raphael. Teatros de memória. IN: **Projeto história.** Revista do programa de estudos pós-graduados de história; vol. 14. São Paulo, 1997; p. 41-91. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11234>>. Acesso em: setembro/2017.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SANTAELLA, Lucia, e NÖTH, Winfried. **Imagem:** cognição, semiótica, mídia. São



Paulo: Impetus, 2008.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto: leitura e redação**. 16 ed. São Paulo: Ática, 2000.

SIGNIFICADOS. Verbetes **Arte**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/arte/>>. Acesso em: setembro/2017.

99

SILVA, Luciana Cristina Lourenço da. **O livro depois do livro: a experiência literária hipertextual em Giselle Beiguelman**. Dissertação de Mestrado em Letras e Linguística: Literatura Brasileira do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Orientadora: Magnólia Rejane Andrade dos Santos. Maceió, 2007. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/511>>. Acesso em: setembro/2017.

SOARES, Carla. Falar de si mesmo: a experiência narrada também é literatura? IN: **Mulheres que escrevem**. Postado em 12 de abril de 2017. Disponível em: <<https://medium.com/mulheres-que-escrevem/falar-de-si-mesmo-a-experi%C3%Aancia-narrada-tamb%C3%A9m-%C3%A9-literatura-386bdb5337c8>>. Acesso em: setembro/2017.

SP INVISÍVEL. **Fanpage SP Invisível**. IN: *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/spinvisivel/about/?ref=page_internal>. Acesso em: julho/2017.

SP INVISÍVEL. **Página web do coletivo SP Invisível**. Disponível em: <<https://spinvisivel.org/>>. Acesso em: julho/2017.

SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. 9 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

VIANA, Rodolfo. Movimento SP Invisível quer criar livro de perfis de moradores de rua. IN: **Folha de São Paulo**, 14/10/2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/10/1822575-movimento-sp-invisivel-quer-criar-livro-de-perfis-de-moradores-de-rua.shtml>>. Acesso em: julho/2017.